

JORGE DE ALARCÃO

*Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*  
jorge.alarcao@gmail. com

## A PROPÓSITO DA PÁTERA DE *BANDIS ARAVGELENSIS*

### ON THE ROMAN PATERA TO *BANDIS ARAVGELENSIS*

“Conimbriga” LV (2016) p. 145-155

[https://doi.org/10.14195/1647-8657\\_55\\_9](https://doi.org/10.14195/1647-8657_55_9)

**RESUMO:** Na pátera do Museo Nacional de Arte Romano (Mérida) consagrada a *Bandis Araugelensis*, a figura feminina representada tem sido considerada como a do próprio deus indígena. Isto suscita um problema, visto que, pelos epítetos, *Bandis* era uma divindade masculina. Sugere-se que a figura não é a do deus, mas a da localidade de *Araocelum*, representada alegoricamente por figura feminina com coroa turriforme, oferecendo um sacrifício a *Bandis*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bandis, pátera romana.

**ABSTRACT:** On the silver patera of the Museo Nacional de Arte Romano (Mérida) dedicated to *Bandis Araugelensis*, the female figure with a towered crown has been considered as the representation of that native god. However, by his surnames, *Bandis* is a god, not a goddess. It is here suggested that the female figure of the patera corresponds not to the god, but to the locality of *Araocelum*, allegorically represented as a female figure sacrificing to the god.

**KEYWORDS:** Bandis, Roman patera.

Página deixada propositadamente em branco

## A PROPÓSITO DA PÁTERA DE *BANDIS ARAVGELENSIS*

António Blanco Freijeiro deu a conhecer, em 1959, na *Revista de Guimarães*, uma pátera de prata que então fazia parte da colecção de Fernando Calzadilla Maestre, de Badajoz. Os herdeiros deste último venderam-na, em 1984, ao Museo Nacional de Arte Romano (Mérida), onde desde então se encontra (FIG. 1).

Na peça vê-se, ao centro, uma figura feminina com uma coroa tur-riforme, uma cornucópia na mão esquerda e uma pátera na mão direita. Estende esta mão na direcção de três aras. Em duas destas arde fogo sagrado. Na terceira não arde fogo, mas não é claramente perceptível o que é que se pretendeu representar: alguns frutos? Grãos de incenso? Mais acima, arde também fogo sagrado numa quarta ara.

Do lado esquerdo (para o observador) vê-se o que aparenta serem penhascos; e do lado direito, um tronco de árvore, retorcido. Blanco Freijeiro observou ainda ténues linhas douradas, muito desvanecidas, que representariam folhas desprendidas da árvore.

Considerou o autor que os penhascos e a árvore representariam, esquematicamente, um santuário rupestre. Nisto podemos estar de acordo com Blanco Freijeiro. O que nos suscita dúvidas é a interpretação da figura feminina como a divindade galaico-lusitana *Bandis*.

As letras BAND ARAVGEL são claramente visíveis na borda da pátera. Blanco Freijeiro restituiu *Band(uae) Araugel(ensi)*.

Em aras epigrafadas encontramos as mais diversas formas do dativo: *Bande, Bandei, Bandi, Bandiae, Bandu, Banduae, Bandue, Bandui* (PRÓSPER, 2002: 257-281). Esta diversidade torna muito difícil a restituição do nominativo: *Bandis? Bandus?*

Não querendo envolver-nos numa discussão que deixa hesitantes eminentes linguistas (PEDRERO, 1999a), e porque o objectivo deste nosso artigo não é o da restituição, em nominativo, do teónimo, adoptaremos, apenas por conveniência, *Bandis* – mas sem excluirmos a possibi-

lidade de *Bandus*. Do mesmo modo, renunciaremos à discussão sobre a restituição do epíteto: *Araugel(ensi)* ou *Araugel(aico)*?

O que nos importa é a questão: a figura representa mesmo a divindade?

São numerosas as aras em que *Bandis* surge com epítetos. Sempre este são, gramaticalmente, do género masculino. Parece-nos, pois, irrecusável considerar que *Bandis* era divindade masculina. Como pode aparecer na pátera representado por uma figura feminina?

Uma explicação dada, mas que se nos não afigura inteiramente convincente, passa pela admissão de que houve um fenómeno de *interpretatio*: a divindade lusitano-galaica *Bandis* teria sido considerada equivalente a *Fortuna* ou *Tutela*.

A. Blanco Freijeiro (1959: 454 e 456) aproximou a figura da pátera da divindade romana *Fortuna*, embora anotando que esta é frequentemente acompanhada pela representação de um leme, que não se encontra na pátera.

Outros autores têm sustentado a mesma opinião. Assim, por exemplo, Marco Simón (2001: 215) considerou que a figura tem os atributos da *Fortuna* (esta mesma derivada da *Tyché* helenística) – embora admitindo que o tipo iconográfico possa corresponder também ao do *genius*.

Por outro lado, Virgínia Muñoz (2005) viu na figura uma *Tutela* e não uma *Fortuna* (mas admitiu igualmente a possibilidade de *Bandis* ter sido representado na pátera como um *genius*).

Não parece ter sido até agora considerada a hipótese de a figura representar, não a divindade *Bandis* a quem a pátera foi oferecida, mas a própria localidade de *Araocelum*, alegoricamente figurada.

A figura parece-nos de oficiante. Falam nesse sentido a pátera na mão direita e o gesto dirigido aos altares. A figura seria a de quem faz um sacrifício a uma divindade e não a de uma divindade a quem é oferecido um sacrifício.

Não podemos, porém, considerar que se trata de uma sacerdotisa num acto ritual oferecido a *Bandis*: uma sacerdotisa não seria representada com coroa turriforme e cornucópia. Estes atributos são, porém, admissíveis numa representação alegórica de localidade.

Numa moeda de Adriano, a província da Bitínia é representada como figura feminina, com coroa turriforme, pátera na mão direita e leme na esquerda, perante o imperador; entre as duas figuras, um altar onde arde fogo sagrado (FIG. 2A).

Em moeda de Antonino Pio, a figura de *Salus*, com pátera na

mão direita, oficia diante de um altar no qual se enrosca uma serpente (FIG. 2B).

Noutra moeda, de Faustina, a deusa *Vesta*, com archote comprido na mão esquerda, assume posição semelhante à de *Salus* na moeda anterior (FIG. 2C).

Servem estes exemplos (recolhidos em ETIENNE e RACHET, 1984, n<sup>os</sup> 3331, 3648 e 3928) para mostrar: primeiro, que o tipo iconográfico é comum nas épocas de Adriano e Antonino Pio; segundo, que a figura feminina com pátera oficiando perante um altar pode ser deusa (*Vesta*) ou alegoria (*Salus*, Bitínia). No caso da moeda de Faustina, podemos perguntar-nos se se trata realmente de *Vesta* ou de uma sacerdotisa de *Vesta*.

Parece-nos que estes exemplos, sobretudo o da província da Bitínia com coroa turriforme, confortam a hipótese de termos, na pátera do Museo Nacional de Arte Romano, uma representação alegórica da localidade de *Araocelum*. Poderíamos citar também o exemplo da Mauritânia em moedas de Adriano (KASDI, 2015).

A. Blanco Freijeiro voltou a referir-se à pátera no seu discurso de recepção na Academia Real de la Historia (Madrid) (1977) e, nessa ocasião, relacionou-a com uma ara de S. Cosmado (Mangualde, Portugal), onde se lê: *C(aius) Caielianus Modestus castellanis Araocelensibus d(ono) d(edit)* (VAZ, 1997: 283-285).

A existência de um povoado *Araocelum* nas cercanias de Mangualde é inequívoca. Poderia ficar no monte da Senhora do Castelo, onde se localiza um castro com vestígios de romanização (VAZ, 1997: 51-52).

Não é difícil admitir que *Araugel(ensi)* possa estar por *Araocel(ensi)*. Também se não deve afastar, para o topónimo, a hipótese de uma variante *Arauocelum*.

Sendo desconhecido o lugar exacto de achado da pátera, é admissível que ela tenha sido encontrada na área de Mangualde. Como é que foi, porém, parar à colecção Calzadilla de Badajoz? Por outro lado, não é impossível que na área de Badajoz ou de Cáceres tenha havido outra povoação com o mesmo nome de *Araocelum*.

Floro, 2, 33, 50, fala de *Aracelum oppidum* no âmbito das guerras cantábricas. É possível que *Aracelum* e *Araocelum* sejam formas divergentes do mesmo topónimo. Plínio, III, 4, 24, menciona os *Aracelitani* entre os estipendiários do *conventus Caesaraugustanus*. Não podemos, porém, considerar a *Aracelum* cantábrica nem a cesaraugustana como

locais possíveis do achado da pátera, porque o culto de *Bandis* não está atestado nem na Cantábria nem na área de *Caesaraugusta*.

O nome *Bandis* foi por alguns, durante algum tempo, considerado não um teónimo, mas um nome comum que significaria *deus* (Hoz, 1986: 39). Assim, uma ara consagrada, por exemplo, *Bandue Aetobrigo* deveria entender-se como dedicada ao “deus *Aetobrigus*”.

A opinião deve considerar-se ultrapassada. *Bandis* foi mesmo o nome de uma divindade do panteão lusitano-galaico. Os epítetos que apresenta correspondem, algumas vezes, a topónimos, como em *Bandis Longobricus* (neste caso, de *Longobriga*, hoje Longroiva, Meda). Noutros casos, como em *Bandis Vortaeceus*, o epíteto traduzirá uma “qualidade” do deus.

Também a Júpiter se podiam aplicar os qualificativos de *Conservator*, *Curans*, *Repulsor*, *Tonans* ou outros, para além do mais comum *Optimus Maximus*. *Bandis* podia ser adorado com epítetos que traduziriam dons, faculdades ou qualidades.

Problema não resolvido é o da esfera de acção de *Bandis*. A tese de que se trata de uma divindade guerreira (FERNÁNDEZ-ALBALAT, 1990; OLIVARES PEDREÑO, 1997) não parece convincente.

A opinião maioritária é a de que o nome *Bandis* tem uma raiz indo-europeia *\*bhend*, com o significado de “atar”, “vincular”, “manter unido” (PEDRERO, 1999a: 541). *Bandis* seria o deus que garantiria a unidade de uma comunidade, povoação ou família.

Rosa Pedrero (1999b) sugeriu também uma outra possível etimologia: *ban* + *\*dia*. *Bann*, em bretão, significa “eminência” ou “altura”, e *benn*, em antigo irlandês, “cimo” ou “cume” de um monte. *Dia* (de *\*deiws*) significaria “deus”. A interpretação de *Bandis* como deus das alturas poderá levar-nos a fazer da divindade o equivalente indígena de Júpiter.

Não parece facilmente aceitável a explicação etimológica proposta por Blanca María Prósper (2002: 272-274).

O facto de *Bandis* nos surgir, por vezes, com epítetos toponímicos não nos parece suficiente argumento para fazermos dele uma divindade meramente protectora de lugares.

Diremos, em conclusão, que a hipótese de a figura da pátera do Museo Nacional de Arte Romano representar alegoricamente a localidade e não a divindade põe em causa a função meramente tutelar de *Bandis* e resolve a incómoda questão de termos uma divindade masculina representada por uma figura feminina.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Jorge de (2009) – “A religião de Lusitanos e Galaicos”. *Conimbriga*, 48, Coimbra, pp. 81-121.
- BLANCO FREJEIRO, Antonio (1959) – “Pátera argêntea com representação de uma divindade lusitana”. *Revista de Guimarães*, 69, Guimarães, pp. 453-457.
- BLANCO FREJEIRO, Antonio (1977) – *El puente de Alcántara en su contexto histórico*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BURGALETA MEZO, F. Javier (2006-2007) – “*Bandua*, diosa o dios, y los ritos del toro de San Marcos”. *Espacio, Tiempo y Forma*, série II, 19-20, Madrid, pp. 381-397
- ETIENNE, Robert e RACHET, Marguerite (1984) – *Le trésor de Garonne. Essai sur la circulation monétaire en Aquitaine à la fin du règne d’Antonin le Pieux*. Bordéus: Fédération Historique du Sud-Ouest.
- FERNÁNDEZ-ALBALAT, Blanca García (1990) – *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas*. Corunha: Ediciós do Castro.
- GRINHO FRONTERA, Beatriz de (2016) – “Pátera de prata com dedicação e representação de *Band. Araugel*.” In *Lusitânia romana. Origem de dois povos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 264.
- HOZ, Javier de (1986) – “La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania”. In *Primeras Jornadas sobre manifestaciones religiosas en la Lusitania*. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 31-49.
- KASDI, Zheira (2015) – “Quand l’Amazone fait le Maure: la représentation de la Maurétanie dans le monnayage d’Hadrien”. *Antiquités Africaines*, 51, Paris, pp. 65-90.
- MARCO SIMÓN, Francisco (2001) – “Imagen divina y transformación de las ideas religiosas en el ámbito hispano-galo”. In Francisco VILLAR e M<sup>a</sup> Pilar FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ (eds.), *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania*. Salamanca: Ediciones Universidad, pp. 541-560.
- MUÑOZ, Virgínia (2005) – “La *interpretatio* romana del dios prerromano *Bandue*”. *Veleia*, 22, Vitória/Gasteiz, pp. 145-152.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (1997) – “El dios indígena *Bandua* y el rito del toro de San Marcos”. *Complutum*, 8, Madrid, pp. 205-221.
- PEDRERO, Rosa (1999a) – “Aproximación lingüística al teónimo lusitano-gallego *Bandue/Bandi*”. In Francisco VILLAR e Francisco BELTRÁN (eds.), *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana. Actas del VII Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*. Salamanca: Ediciones Universidad, pp. 541-560.
- PEDRERO SANCHE, Rosa (1999b) – “Sobre la etimología de los teónimos: el caso del dios galaico-lusitano *Bandi/Bandue*”. In *Miscelánea léxica en memoria de Conchita Serrano*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 417-426.
- PEDRERO, Rosa (2001) – “Los epítetos del teónimo occidental *Bandue/i*”. In Francisco VILLAR e M<sup>a</sup> Pilar FERNÁNDEZ-ÁLVAREZ (eds.), *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania*. Salamanca: Ediciones Universidad, pp. 541-560.

PRÓSPER, Blanca María (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad.

VAZ, João L. Inês (1997) – *A civitas de Viseu: espaço e sociedade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.





GRINO FRONTERA (2016)

FIG. 1



2A



2B



2C

FIG. 2



FIG. 3